

ENSAIOS

DA

SOCIEDADE BRAZILIA.

N.º 1.º

SABBADO 15 DE OUTUBRO.

1859.

INTRODUÇÃO.

Render homenagem ao pensamento, expandir a intelligencia, cultivar o espirito, é por sem duvida uma exigencia indeclinavel da natureza humana, que, sempre activa sob os constantes e ininterruptos estímulos da razão, procura invariavelmente manifestar as suas elaborações por todos os canaes do mundo real. Não bastão ao homem a concepção e a revelação passageira do que concebeo; por sua natureza, por sua posição em meio da criação, está na rigorosa obrigação de corresponder dignamente ás vistas do Ente Supremo, perpetuando-se não só no desenvolvimento e aperfeiçoamento physico, mas tambem, e muito mais, no desenvolvimento e aperfeiçoamento moral. Nem todos podem concorrer com igual contingente para a gradual solução do problema social, é verdade; o meio em que cada um se acha collocado na sociedade, decide do seu destino. Mas sempre é certo que todos têm o dever de trabalhar conforme as suas possibilidades, para

que no presente não soffra a consciencia, sujeitando-se aos decretos da Providencia, que se irão cumprindo até a sua consummação na consummação do futuro, a que tende a humanidade. Eis porque ligamos a mais transcendente importancia á palavra escripta, sem duvida alguma o mais poderoso elemento do progresso social.

Por longos seculos, a ignorancia foi o apanagio mais distincto dos povos; a palavra escripta não chegava até ás massas, vivia e perpetuava-se nas impenetraveis regiões da sabedoria daquelles tempos, embora nos digão que os Romanos conhecerão os jornaes. Mas quando a civilisação oriunda do christianismo e apurada no crisól das novas idéas sociaes começou a infiltrar-se na generalidade dos povos, os homens comprehendêrão os seus legitimos deveres, e applicárão-se séria e vigorosamente a recolher todas as tradições do passado, e os factos do presente, a infundir os conhecimentos que possuíão aos que os desconhecião, a exarar no papel o que pensavão, sentião e fazião sem enrolarem as suas lucubrações no negro manto do mys-

terio. E uma vez iniciados os povos nas artes, nas letras e nas sciencias, alargão-se os horisontes, dilatão-se as concepções, surgem estroindosas descobertas. Os livros multiplicão-se e succedem-se com rapidez admiravel, mas a sociedade revestio uma face inteiramente nova, e os livros já não bastão nem mesmo aos sabios, quanto mais ao povo. As idéas religiosas, philosophicas, politicas e administrativas disputão encarniçadas as palmas e ovações da victoria no vasto campo da imprensa livre, que não conhece outro arbitro afóra a opinião publica. Eis porque os jornaes, esses livros concisos, vulgarisárão-se e adquirirão extensão e influencia taes, que os vemos hoje constituídos como os orgãos principaes e mais efficazes da inoculação e diffusão das idéas. Encontramol-os de todas as especies e de todas as fórmãs, e em todos o sabio ou o ignorante achão materia para meditar, instruir-se ou recrear-se. Que dizemos! o poder do jornalismo é muito mais superior, vai muito além. Discutindo principios, descrevendo os factos sociaes, suscitando reformas, apressa, determina, e auxilia poderosamente o desenlace das questões moraes e politicas.

Livre das pêsas da ferrenha censura e dirigido sob os auspicios da utilidade social, o jornalismo é um terreno extensissimo e fecundissimo, que, quanto mais semeado mais se presta ao cultivo, e, quanto mais cultivado, mais produz.

Sendo assim, apesar de termos sido precedidos na carreira por muitos illustres e esforçados campeões do pensamento, ainda ha lugar sobejo para nós outros, obscuros e mesquinhos thuriferarios da sciencia. Mas nós que agora principiamos, nós, que agora vimos alistar-nos sob a magestosa bandeira com que o seculo symbolisa a sua missão, carecemos de protecção para as nossas aspirações, e de indulgencia para as nossas faltas, que sem duvida não serão poucas, da parte de tantos quantos nos sobrelevão nas lides por ventura difficeis, mas sempre honrosas do jornalismo esclarecido e consciencioso.

Taes são os nossos votos, tal é a nossa esperanza.

DIREITO PUBLICO CONSTITUCIONAL.

Const. Polit., art. 101 :

O Imperador exerce o poder moderador.

§ 7 — Suspendendo os magistrados nos casos do art. 154.

Pessoas dotadas das melhores e mais puras intengões, e de vasta erudição— combatem a disposição do § 7 do art. 101 de nossa Constituição, e dizem que: *sendo o imperador irresponsavel pelos seus actos, — e a suspensão do magistrado não deixando de ser uma nodoa na vida d'este — não é aquelle o mais apto para exercer essa attribuição.*

Vejam os si é exacta esta opinião. O imperador, o primeiro magistrado do estado,—que sempre trabalhará para possuir nos corações de seus subditos as primeiras bases de seu throno—colloca.

do na eminencia social e animado pelas crenças, que nutre aquelle, que — á bem de todos — quer honrosamente reinar: o imperador, digo, está muito no caso de velar na boa execução das instituições, que o sustentam.

A justiça — no vigor de cuja sustentação reside, como dice Bossuet *, a grandeza e a magestade — será a bussola de que o monarcha tem de servir-se para chegar ao desejado porto.

Esta justiça, sendo, como é de esperar, posta em pratica com a severa imparcialidade, que deve caracterisar o monarcha, offerecerá á sociedade todas as vantagens e garantias; sendo muito certo que o melhor dos monarchas é, como se exprime um celebre moralista, aquelle a quem a virtude nunca vê com susto, nem o crime sem receio.

Desde, portanto, que sejam por estes e outros iguaes princípios presididos os actos do imperador, — elles jamais deverão ser temidos, porém sempre apreciados.

Assim, o imperador suspendendo os magistrados, por queixas contra elles feitas, precedendo audiencia dos mesmos juizes, informação necessaria etc., conforme dispõe o art. 154 de nossa const. polit., não pôde ser suspeito: elle, que não depende senão do amor de seus subditos, em cujo proveito lhe cumpre observar fielmente a Constituição, que os rege; que não se deixa levar pelo vil sentimento de vingança; que com escrupulosa precaução deverá sempre obrar: elle, que não pôde ter o menor interesse em lançar na vida do magistrado honrado uma nódoa!

Nós encaramos o monarcha como elle deve ser, como nossa Constituição o quiz, e como felizmente nos tempos modernos — sobre tudo — se vai observando — de conformidade com os sãos princípios do direito publico.

Em uma monarchia constitucional convém dar-se ao imperador, cujos erros são necessariamente mais raros, toda in-

* Serm. sur la justice prech. devant le roi, — 1.º ponto.

fluencia e mesmo toda popularidade, que a liberdade comporta. *

Si suspender o magistrado fosse attribuição do *poder executivo*, por exemplo, não se poderiam dar abusos revoltantes? não será muito mais facil o imperio das paixões nos ministros do que no imperador?

O magistrado poderia por vingança, ou a interesse particular do ministerio — ser suspenso; ainda que se deva acreditar na inteireza e sabedoria dos ministros da corda; seria o abuso uma excepção da regra, mas nem por isso deveria deixar de ser prevenido.

A par dos bons e honrados ministros, que sempre tem havido, apparecem e tem apparecido tambem os máos: aquelles na alta posição — que dignamente occupão — fazem consideraveis beneficios á nação: estes curam de seus interesses pessoas e encartam os seus *afilhados*, embora commettam-se as maiores injustiças.

E que facilidade não encontra, ou não suppõe o ministro encontrar para justificar o seu acto — ainda o mais injustificavel!...

Para isso apparecem muitos *recursos*!

Bem difficilmente tornar-se-ia effectiva a sua responsabilidade pela injusta suspensão d'um magistrado: tanto mais porque, quando o ministro tivesse de imerecidamente suspender esse magistrado, já teria descoberto os meios (nos quaes saberia ser fertil) de safar-se de qualquer embaraço, em que por ventura depois se achasse.

E demais — como não se curvaria o magistrado — menos digno — ao ministro que podesse suspendê-lo!

Raros e bem raros são os *Catões* na época presente, não obstante haver muita gente que *grite*!...

Não é, pois, debaixo deste ponto de vista que está mal parada a nossa magistratura: outros são os remedios de que ella precisa: colloquem-se os magistrados em posição de toda independen.

* V. Benj. Constant, Polit. Constitutionnelle, cap. 2.º etc.

cia e dignidade possível: sejam os meios de subsistência, que lhes subministra o estado, correspondentes ao importante cargo, que occupam — e então terá ella um pessoal crêdor da maior confiança. D'est'arte os magistrados integros — (em cujas condições se acham quasi todos os nossos magistrados) — não terão de lutar com tamanhas difficuldades e necessida- des; e aquelles, que por ventura tenham certa *tendencia* para o vicio e para as acções pequeninas (os quaes não são por certo desejaveis!) não terão necessidade de transigir, pois tem meios para sustentação da dignidade, que ao *menos* quererão ostentar; e despertando-se-lhes o amor proprio — as suas más intenções vão a converter-se em boas.

O homem muitas vezes corrige-se sem cahir no erro, para o qual aliás tinha pendôr.

Concordando com a justa disposição de nossa lei fundamental no § 7.º do art. 101, sobre que acabamos de fazer ligeiras considerações, terminamos aqui o nosso insignificante escripto, concluindo que — ou o magistrado é probo e sum- mamente bom, e não terá a temer sus- pensão; ou será prevaricador e indigno de exercer suas funcções — e neste caso merecerá punição.

S. Paulo.—Setembro de 1859.

J. R. Coelho de Macedo.

DIREITO ECCLESIASTICO.

PODER LEGISLATIVO DA IGREJA.

Este poder de ligar e desligar na ordem espiritual nada menos é que o direito de governar, com independencia, as cousas divi- nas, cujo deposito foi confiado á Igreja.

LACORDAIRE—*Conferencias.*

As sociedades não são méras creações dos homens, nem emanações de seus ca- prichos contingentes.

Os homens constituindo-se em socie- dade, não fazem mais do que ceder ao impulso da propria natureza; por isso que, na phrase de Kant (1) se os homens vivessem em estado de natureza, sem leis exteriores, a sua só visinhança seria um acto de lesão.

Eis, pois, justificado o Sr. Serrigny (2) quando diz — o *poder* é tão necessario ao homem, que quando este retira-se do centro dos Estados, é bem indispensavel que elle (*poder*) se espalhe até ás extre- midades.

D'est'arte, qualquer sociedade consti- tuida não pôde prescindir da satisfação das suas necessidades, d'onde resulta a instituição de poderes politicos, que, co- mo pensa Ahrens (3), devem ser verda- deiros representantes da — razão — juizo — e vontade — do Estado.

Entre estes poderes existe um — o po- der legislativo —, cuja missão é da mais alta importancia; pois, como diz Ma- carel (4) — de um bom ou máo systema de legislação é que depende a elevação dos imperios como a sua decadencia.

E isto, que se verifica na sociedade temporal, não se dá menos na sociedade espiritual, guardadas as devidas propor- ções; pois que, como expressa-se Ber- gier (5), se em toda a associação ha ne- cessidade de leis, por força de maior ra- zão deve haver em uma sociedade tão ampla como a Igreja, que abraça todas as nações e todos os seculos. Tal é a these que nos fazemos cargo susten- tar, não sem desconhecer a sua impor- tancia e a pequenez do nosso cabedal.

Seria uma imprevidencia do supremo — Legislador — se depois de ter resta- belecido a sua Igreja em uma tão sólida e indestructivel base, mandando por ope- rario aquelle, que incumbido de mis- sões tão divinas, consummou o grande

(1) Methaphy. du Droit (trad. par Tissot) pag. 268.

(2) Droit Public des Français—vol. 1.º pag. 280.

(3) Theoria philos. do Direito publico—trad. pag. 81.

(4) Elemens de Droit politique—pag. 19.

(5) Diction. theolog. — art. Loi — pag. 124.

mysterio da redempção, expiando com o seu sangue derramado no Golgotha, os peccados dos homens devios no caminho da salvação eterna; seria inconcebível, dizemos, que a Igreja tivesse em si uma lacuna, qual a ausencia de um poder legislativo, sem o qual os laços de *amor* que a unem ao seu Esposo — Jesus Christo — e ainda mais os vinculos que devem prender os seus filhos ao seu edificante seio, se quebrariam, sendo substituidos, pelo racionalismo desenfreado, pela anarchia, emfim, com todo o seu funesto cortejo de heresias e blasphemias, que iriam lavrando por toda a Igreja: os dons celestes que deveria proporcionar tão carinhosa *Mãe*, na vida ulterior, se frustrariam; e então, como exclama Montesquieu (6) — Que meio de conter pelas leis um homem, que julga estar certo, que a maior pena, que os magistrados lhe poderão infligir, não acabará em um momento senão para começar a sua felicidade?!

Nem se diga que sômos extremos em nossas consequencias, a historia da Igreja na Idade-media, e nos tempos modernos responderá por nós.

Ora, se a Igreja não obstante a divindade da sua Constituição e Hierarchia, não tem escapado illesa aos ataques iniquos dos hereticos, se o orgulho e a estulticia dos homens têm tentado, em todos os tempos abocanhal-a, recuando, porém, petrificados pelo choque de suas impias doutrinas com a pedra angular da Igreja; a quantos azares e a quantas fatalidades não se veria obnoxia a *Filha* querida de Deus, a não lhe ter dado o Creador um poder legislativo e os meios de perpetual-o?

Os extremos, mas ineptos esforços dos sectarios de Wiclef, Huss, Hermes, Luthero, Calvino e tantos outros dão-nos lugar a antevêr as sinistras consequencias, que de tal omissão houveram de nascer.

A Igreja sendo uma sociedade necessaria, o que é facil deducção do seu fundamento e seus fins, os fieis pelo facto de pertencerem á sua communhão,

(6) *Esprit des Lois*—L.^o 24, ch. 14, pag. 378.

têm vital interesse em serem guiados, no complemento da vida espiritual, por aquelles, que por uma successão legitima, recebendo ordens expressas de Jesus Christo, são, por isso, os mais competentes para preceituar e endereçar os christãos á consecução dos fins espirituaes: d'onde se infere, que o poder legislativo essencial na Igreja, deve ser exercido por aquelles que reunirem as condições exigidas.

As leis ecclesiasticas sendo meios indispensaveis, pelos quaes se mantem e se torna util a boa ordem na Igreja, não basta serem ellas simples preceitos, preciso é ainda que provenham de uma fonte pura, e que respeitem a um objecto, que interessa á felicidade eterna.

As leis ecclesiasticas são chamadas espirituaes, em virtude do fim a que se ligam; ao passo que as leis civis por serem alinentes a um fim todo temporal, recebem o epitheto especial de—temporaes ou seculares.

Não faltou, entretanto, quem estribado em futeis argucias buscasse confundir estas duas cathogorias de leis, aliás tão distinctas; — pois, diz-se, se as leis espirituaes dizem respeito ao espirito, e se as temporaes ás relações externas dos individuos e por tanto ao corpo, decorre asinha, que não pôdem ser da alçada das leis espirituaes, certas prescripções que affectam as relações exteriores dos homens, como são d'ellas muitas.

Mas como diz Muzzarelli (7): Deus pune o homem por suas transgressões, como tambem recompensa-o por sua fidelidade: *ao homem todo* e não sómente á alma.

Accresce, que a materia das leis quer ecclesiasticas, quer civis ou politicas não pôde ser senão as acções dos homens, e como quer que estas acções sejam exercidas, relativamente á salvação eterna, ou á felicidade externa, o certo é que as leis tendo por fim regular as acções humanas, não pôdem penetrar no interior dos homens; seria impossivel conceber-se a alma fóra do commercio com

(7) *Opuscules theologiques* — vol. 3. art. — *Immunité des pers. ecclésiast.* — pag. 33.

o corpo, a menos que não se paralysem as funcções vitaes; por quanto todo o acto humano ha de necessariamente ser produzido por um agente voluntario e livre.

Assim, a Igreja, como exemplifica o distincto canonista citado (8), ordena o jejum, ella prohibe uma acção humana, a de comer; de sorte que os alimentos são a materia da acção vedada, nós ajuntaremos, e essa acção suppõe uma causa activa — a alma — que a motive.

Indaguemos se — o poder legislativo — da Igreja é de origem divina:

Quando Jesus Christo reunindo os seus apóstolos, disse-lhes: — Assim como o Pai me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós — e assoprando-lhes ainda disse: — Recebei o Espirito Santo: aos que vós perdoardes os peccados, serão perdoados: e aos que vós retiverdes, ser-lhes-hão retidos (9); assignou-lhes por essas palavras sublimes, os poderes de dirigir os fieis e de legislar sobre o culto que o homem deve a Deus na terra, sobre o bem espiritual, e sobre a felicidade eterna.

Innumeros são os textos que abundantemente concorrem a corroborar a nossa opinião. Assim Jesus Christo ainda fallou aos seus discipulos, dizendo: — Quando no dia da regeneração estiver o Filho do Homem sentado no Throno da sua Gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thronos, e julgareis as doze tribus de Israel (10). Ora, fundados na authoridade de Bergier (11) diremos, que no estylo dos livros santos o nome de juiz é synonymo de legislador, e que as leis de Deus são chamadas seus juizos.

Além disso, se o Filho de Deus veio realizar a vontade suprema de seu Pai; pela grandeza da sua tarefa e pela eminença da sua natureza — hypostatica — Elle não podia deixar de ser considerado como — legislador —, pois é uma verdade inconcussa, que, no dizer do eloquente

Lacordaire (12): Deus manifestou-se ao genero humano, desde o principio dos tempos, debaixo de tres caracteres — de creador — de legislador — e de salvador.

Como representante, pois, de seu Soberano Pai, Jesus Christo assumio o caracter de legislador, transmittindo-o por sua vez aos seus discipulos; o que comprovam estas palavras proferidas pelo Divino Mestre aos seus apóstolos: — Tem-se-me dado todo o poder no Ceo e na terra: Ide, pois, e ensinai a todas as nações, baptisando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo: Ensinando-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado; e estai certos de que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos (13).

Ainda muitas outras passagens restamos da Biblia Sagrada, que não menos vantajosamente confirmariam a veracidade do nosso pensar; d'isso dispensa-nos, porém, o julgarmos ter já demonstrado que a Igreja tem um poder legislativo, e que tem o seu fundamento nas palavras de Jesus Christo.

Avaliemos, entretanto, alguns argumentos, que os heterodoxos sõem apresentar com o fim de infirmar o poder legislativo da Igreja.

Alguns escriptores ha, que para robustecerem a doutrina contraria á que levamos expendida, principiaram por dizer, que os poderes outorgados por Jesus Christo aos seus discipulos, não devem estender-se além d'elles; e que portanto, depois que os apóstolos cessaram de existir, todos os preceitos e doutrinas esparsas por elles na educação christã dos povos, devem ser consideradas como regras unicas e perpetuas para a posterior direcção do rebanho; negando, assim, a força e a efficacia dos canones, e das decisões legaes fundadas em dogma, fé e costumes da Igreja catholica!

Mas quem não vê n'esse argumento a mais pueril subtileza que se possa inventar? Quem desconhece na hierarchia da Igreja a existencia dos poderes de — ordem e jurisdicção — por meio dos quaes

(8) Muzzarelli, lugar citado, pag. 33.

(9) S. João, cap. xx, vv. 21, 22 e 23.

(10) S. Matheus, cap. xix, v. 28.

(11) Lugar citado, pag. 124.

(12) Conferencias de N. S. de Paris (trad.) vol. 1., Conferencia 1.^a

(13) S. Matheus, cap. xxviii, vv. 28, 19 e 20.

effectua-se a successão legitima dos poderes referidos pelo Divino Mestre aos seus discipulos, e aos legitimos successores d'estes?

Ainda pretendem alguns outros fazer militar na sociedade catholica, theorias nimiamente democraticas que ainda nas sociedades seculares estão muito longe de terem uma exacta applicação.

A Religião Christã é na verdade o symbolo da igualdade, quanto á prodigalisação dos seus fructos e suffragios. Ella porém não exclue a necessidade de governantes e governados, tão expressamente recommendada por Jesus Christo, quando disse: — Apascentai os meus cordeiros. . . . Apascentai as minhas ovelhas.

Quanto á opinião dos que fazem emanar toda a virtude dos poderes da Igreja, da delegação immediata dos fieis; occorre-nos á lembrança o pensamento do Conde de Montalembert (14) que diz: — Não posso deixar de sorrir-me, quando ouço declarar que o christianismo é a — democracia. —

Os concilios de Constança e de Trento, cujas decisões são principios de demonstrar, têm anathematisado os sectarios de taes doutrinas, tão alheias á verdadeira indole da religião do Calvario!

De outros argumentos têm lançado mão os infieis; a confutação, porém, de sua heterodoxia é de facil percepção.

Provado, como julgamos tê-lo feito, que ha na Igreja um poder legislativo, convém mencionarmos que é elle exercido pelo Papa, sob certas condições e pelos concilios geraes.

A elles, pois, compete legislar sobre o assumpto que já enumeramos, a fim de que se mantenha a Unidade da Igreja, e seja bem regulada a sua economia hierarchica, e se a isso obstarem ou tentarem fazê-lo os impugnadores da ordem que deve constantemente reinar por toda a Santa Igreja Catholica, então vêr-se há realisar, como refere Bossuet (15), o que dissera o rei inglez ao clero reunido: — Eu tenho a espada de Constantino na mão, e vós a de Pedro; demo-nos

as mãos, e unamos o gladio ao gladio. — Que aquelles que não tem a fé bastante viva para temer os golpes invisiveis de vossa espada espiritual, tremam á vista da espada real.

Releva, por ultimo, observar, que só este pensamento deverá ser realisado quando a acção do poder espiritual não tiver a precisa força, para impôr as penas que por ventura reclamarem os delictos praticados; tendo-se sempre em vista que se deve dar a Cesar (o que é de Cesar, e a Deos o que é de Deus.

José da Silva Costa.

PEQUENAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CELIBATO CLERICAL.

O celibato é questão muito debatida, e um dos pontos principaes em que se funda a divisão da Igreja de Christo em Catholica e Protestante.

Os defensores d'esta instituição commegão divergindo n'um ponto muito essencial; alguns sustentão que o celibato é de instituição divina, outros que é uma medida de grande utilidade tomada pela Igreja Catholica.

Sobre este ponto ainda se separão as escholas Gallicana e Ultramontana. Bergier que sustenta que o celibato decorre immediatamente de Deos, apresenta textos para basear-se (*), concordando com varios escriptores catholicos.

A eschola Ultramontana vai buscar a origem do celibato na Igreja. Analyse-mos porém esta instituição racionalmente.

O matrimonio é um Sacramento, é um acto puramente religioso, que tem sua origem em Deos, e sancionado pelo Direito Natural, a suppôrmos o celibato instituição divina, era suppôrmos Deos legislando contra o Direito Natural, o que seria um absurdo.

Seguiremos n'esta parte a opinião do muito distincto theologo Muzzarelli: o celibato não é de instituição divina, nem

(14) Interets Catholiques du XIX siècle — pag. 165.

(15) Sermon sur l'Unité de l'Eglise — pag. 109.

(*) S. Matheus v. 8. S. Matheus XIX, v. 12, 19. S. Lucas XIV, v. 26.

tão pouco de Direito Natural ; é de origem ecclesiastica, e a Igreja pôde muito bem supprimil-o e dispensal-o. Foi uma medida justa, como julgamos, em quanto foi necessaria, hoje que a sua inutilidade é patente, torna-se perniciososa.

Para o sacerdote que tinha de marchar resolute e firme para a catechese de barbaros, as lagrimas da esposa e filhos erão um empecilho. Para que havia de partilhar com elles essas afflicções a que se arriscava ?

Atirado no meio das fêras, cercado pelas labaredas que o devoravão, gemendo nas torturas que lhe preparava o paganismo grosseiro, o monge talvez se esquecesse de Deos para se lembrar que era esposo e pai, e que deixava no desamparo sua familia entregue a todos os horrores da barbaridade pagã !

O christianismo caminhava na sua sublime obra : precisava de homens devotados de corpo e alma, e inteiramente livres de todo o pensamento terrestre, a Igreja entendeu então que devia adoptar o celibato.

Os defensores do celibato sustentão que é incompativel com o matrimonio : o sacerdote, além das orações e do culto aos altares, deve, como diz Bergier, administrar os sacramentos, sobre tudo a penitencia, instruir por seus discursos e exemplos, e assistir aos enfermos. Nada vêmos porém aqui que possa impedir o fiel cumprimento dos deveres impostos pelo matrimonio.

O clérigo ao sair do seu domicilio para o altar, deixa no limiar d'aquelle todo o pensamento terrestre, para elevar seu espirito ao Altissimo, já não é o homem que falla, é o sacerdote que explica o mysterio da religião, é o seu interprete !

O christianismo está prestes a chegar á sua baliza, a vida do sacerdote hoje é tranquilla, os perigos passarão, o socego appareceo com a civilisação.

A diminuta população dos paizes respeitadores do celibato, em vista d'aquelles que renegão d'esta instituição, ainda serve de prova contra o celibato. Mas se nos responde a Italia que adopta esta medida é muito populosa ; respondemos

que a Italia, encerrando a séde papal, está *ipso facto* mais concorrida de ecclesiasticos, que, contrarios ao matrimonio, conseguem por um meio illicito aquillo que deverião obter sancionado pela religião.

Terminaremos aqui, e não mostraremos a inutilidade e as más consequencias de semelhante instituição hoje : sómente diremos que a não abolição do celibato clerical, aparta da Igreja grande parte de moços intelligentes, que de muito proveito lhe serião, pois estão conscios de que não poderão vencer perfeitamente as tentações da carne ; mas poder-se-nos ha dizer, a Igreja dispensa aquelles que por ella não podem fazer um sacrificio : responderemõs, que em lugar de ser censurado, deve merecer elogio todo aquelle que conhecendo a impossibilidade de cumprir perfeitamente um cargo, prefere frustrar-se a elle do que procural-o.

Oxalá que nossa Igreja se compenetrasse d'esta verdade, attestada por tantos seculos.

G. Mancebo Junior.

LITTERATURA.

DALZO.

Era uma noite de inverno.

O céu estava escuro, o velado por nuvens negras e immoveis, que derramavão rios de uma agua pesada e fria.

A cerração de um pardacento sombrio cobria as florestas da serrania.

O vento dormia nas grutas, e as folhas nas arvores dormião tambem.

A noite repousava em seu leito de sombras, e apenas se ouvia o bater da chuva no chão escavacado dos precipicios.

Comtudo lá pelo pendor de um despenhadeiro vai um vulto ligeiro.

Quem és tu, que te embuças com esse céu sombrio, como com um manto de inverno ?

Dalzo.

Elle cavalga como sobre o dorso d'esses jorros despenhados dos fragedos que o cercão.

A tréva dessa deshoras enrija-se-lhe á vista como uma cortina negra; mas seu olhar penetrante alonga-se, como um raio de luz, pelas matas escuras da serra.

Lá bem longe, talvez na aba de algum monte carcomido pelas aguas, tremúla debil flamma, que morre e revive á espaços, como os ais do moribundo ao arrebentar da vida.

A noite é medonha; mas esse cavalleiro ousado atira-se por veredas estreitas, escorregadias como o bojo da serpente; vence, passa como um meteoro sinistro, e com seu cavallo rijo e valente pára debaixo de um telheiro escuro. Empurra uma porta pesada e firme, e entra.

Queres vê-lo?

O clarão baço de uma lampada quebrada cobre esse chão descalço com um manto esgazeado de luz.

Dalzo está em pé. A agua da chuva goteja de suas roupas molhadas. Elle tira seu chapeo, enxuga sua fronte suada, e sacode seu capote comprido.

Vês-lo? E' um mancebo. Ahi no semblante sereno, no olhar calmo e seguro, reverbera-se-lhe nua uma alma de valente; ahi n'essa fronte ousada e bella reço-mão-lhe á eito mil effluvios de um ser de poeta. Como na lympha da fonte se estampa a sombra das arvores que a bordão; assim n'essa physionomia de joven ainda está assellada a brandura de um coração angelico, e a força de um espirito magnanimo, attributos que se fundem no sublime da alma, como o ouro no rico aderêço da donzella. Seus cabellos pretos e revoltos lhe cahem sobre a fronte morena, como uma nuvem negra, que pousa sobre o cabeço escuro da montanha.

Dalzo, que idéa occupa esse cérebro palpitante, que faz assim tremer os adytos de teu peito?

Pensamento feliz.

Sim, vens depois de um anno de ausencia ao encontro de teu amigo Eglio, mancebo como tu, que te ama como

amaste teu pai já morto, tua mãe já de outra vida, que tu amas como teu unico bem na terra com esse amor santo de poeta ao ideal, talvez mais puro do mundo — um amigo. — Elle está talvez ahi; talvez durma em um sonho em teu regaço, e ámanhã te virá abraçar ainda uma vez em sua vida. Tu o crês.

O mancebo ergue a lampada amortecida, e atravessa um corredor longo e escuro; disseras, ao vê-lo assim, ser alguma sombra perdida, que procura seu leito em um jazigo de mortos.

Esta antiga hospedaria está talvez abandonada. Nem um passo! nem uma voz!

Dalzo a percorre. Está deserta. Mas... não... elle pára... elle espreita.

O que vês, temerario nocturno?

Lá dentro é um terreno de barro preto. Está um negro sentado em um cepo. Junto d'elle está uma luz, e ao clarão d'essa luz, semelhante a uma mortalha ensanguentada, vê-se-lhe o semblante horrendo. A' sua frente está um cadaver sem cabeça, nú, e atirado sobre o chão; elle o parte com sua faca immensa, e amontôa as carnes em um vaso ao fogo junto á si.

Dalzo recuou um instante daquelle painel satânico, e sentio vacilar-se-lhe o coração.

—Monstro!!... Antropóphago!!... Balbuciou apenas no estupôr, que lhe causára o assombro.

—Aqui alimenta-se o viajante com carne humana!!... Deus!!...

Disse. E elle teve um pensamento sinistro: ergueu seu capote humedecido da chuva, e desembainhou uma lamina luzente. Depois a pesada e velha porta cedeu ao vigor de seus braços, e se deslocou dos gonzos.

Elle entrou.

A arvore velha da montanha uiva-lhe o vendaval em torno, e ella resmunca desprezo no sussurrar da folhagem: o assassino enraizado no crime é como a arvore velha da montanha, ri-se á face do patibulo. Essa féra humana rio-se, mas não da morte; foi o escarneio de Goliath que lhe espraizou os labios.

O negro ergueu-se hediondo, como o aspecto do crime manchado de sangue. Escancarou a bocca tigrina, e rio com um

rir sepulchral, que similhava o gargalhar de Satanaz ao apparecer-lhe a victima do fogo eterno. Depois brandio a faca mortifera, e precipitou-se sobre o mancebo de um salto como a onça da serra, ou como a panthera faminta do deserto.

Dalzo o recebe, e brada com uma voz terrivel, como a da torrente ao devorar assassinos que lhe passassem o dorso.

—Morre, monstro! Some-te nas fauces negras do inferno!

E o bruto cahio immundo de seu sangue pestifero.

O baque de seu corpo fez tremer o chão, como horrorizado de supportar em seu seio tal monstro.

O semblante contrahio-se-lhe torvo. Os olhos incharão-se-lhe tremulos e avermelhados nas orbitas. E a bocca abria-se-lhe funda e negra como uma cratera infernal. E partio-se-lhe do peito um gemido como o rugir da féra, ou como o arranco extremo de Satan ao cahir de seu orgulho. Estava morto.

Dalzo permaneceu mudo e em pé no estado de entorpecimento do espirito. Era um silencio pavoroso, e só se ouvia o cahir da chuva lá fóra como uma toada funebre áquelle espectaculo de morte. O mancebo quiz desapparecer d'esse sitio sanguento, deu dous passos, mas o som de uma voz suffocada e lúgubre, como se partida de um tímulo fechado, balbuciou duas vezes seu nome:

Dalzo!... Dalzo!...

Um arrepio horrivel correu-lhe por todo o corpo. Os cabellos eriçárão-se-lhe na cabeça, como um hervaçal hirsuto. A face contrahio-se-lhe subito. Os olhos dilataram-se-lhe afogueiados.

—Deus!!... Eglio!!...

Proferio apenas, como se lhe fugisse a vida, e arrojou-se por um declive escavado e tenebroso.

Um fétido mephitico sabia d'ahi, como o ambiente de corpos apodrecidos.

Elle foi palpando na escuridão, e suas mãos resvalavão em paredes de barro, que porejavão um liquido lodoso:

Era um subterraneo.

Seus pés tropeçavão em montões que estalavão como ossos humanos.

E' ahi o matadouro execrando.

Dalzo não trepida. Elle está como louco. A fronte sua-lhe, e o coração estremece; mas elle sente-se com um animo rijo e valente. Avança, e um som como o respirar oppresso de uma pessoa suffocada, vem á seus ouvidos. Elle avança, e abalrôa com um homem. Agarra-o com impeto, e sente cahir-lhe das mãos um objecto pesado como um corpo humano.

O mancebo horrorisou-se.

—Impio!!... Eglio!!...

Bradou como desvairado. E com uma força de gigante, e um frenezi insano, suspendeu o assassino no seu punhal, e esmigalhou-lhe o craneo contra o muro da caverna, e seu cadaver cahio com estrondo.

Então convulso e perplexo, Dalzo arrastou suas mãos pelo chão, e levantou em seus braços seu amigo morto. Subio a bocca do subterraneo, e foi deposital-o em um salão quasi nú sobre o soalhado. Ahi estava uma lampada amortecida, elle a collocou junto á cabeça do defunto, e foi cahir sobre uma cadeira velha á seus pés.

Eil-o ahi! E' um cadaver de mancebo. Esse clarão fusco embacia-lhe o aspecto. Sua face está arroxeadada, a lingua um palmo fóra, os olhos esbugalhados como os do enforcado, e a bocca e os ouvidos escorrem sangue, em que se envolvem seus cabellos esparsos.

Vês? Era o renovo da planta, e veio o furacão sem freio, e o abateu no chão. Era o passaro errante que buscava seu ninho, e veio o drago sedento e o estrangulou nas garras. Ah! era um innocente sósinho, e veio o sôpro do crime, e o precipitou do mundo.

Elle está morto, mas á seu lado Dalzo está vivo ainda.

Cabe-lhe a fronte pezada sobre o seio, os cabellos derramados lhe cobrem a face triste, e os braços lhe pendem ao longo das pernas como dous ramos quebrados.

Ah! E' o filho da desgraça que fraqueia ao peso das maldições de sua mãe.

Elle ergue á custo sua cabeça doída, e levanta-se.

Vê. E' a estatua da dôr, e a angustia está no desalinho da face. Elle estende os braços para esse cadaver querido co-

mo para dizer-lhe uma só palavra, que elle comprehendeu, e muito — amigo. — Balbucia sons inarticulados. Não pôde fallar, porque mão de ferro lhe comprime o coração. Dá um passo, mas nada vê, porque uma nuvem densa lhe cobre os olhos macerados: é a dôr, é a desesperação que se funde em uma torrente amarga. Cahe sobre a cadeira, esmorecido, sem forças, e chora um rio de lagrimas, como a criança que ficou orphã na terra.

Dalzo, porque desesperas assim?

Ah! Sabes sua historia? E' a historia do que é desposado, e vê sua noiva dormir em uma tumba na cova. E' a historia do que perde sua patria, e lá vai desterrado sobre as ondas. E' a historia do que só tem seu pai no mundo, e enterra seu pai.

Era assim, porque elle amava um homem, e era seu amigo como aquelle que tem muita vida n'alma, muito affecto que transborda: ia vê-lo, entrou, e o achou morto ás mãos de um amaldiçoado de Deos. Sim, e por isso elle chorava. E não era fraqueza, porque esse golpe viera-lhe subito como o cahir do raio, e cavára-lhe o amago, fundo e bastante, como o esbarrar dos caixões da enxurrada o dorso da montanha. E por isso elle chorava no delirio da dôr, d'essa dôr que agita as fibras, como o vento a face das aguas.

Mas elle não permanecerá muito tempo immerso n'esse luto, não; porque seu sentir é muito grande para que se prolongue mais, que isso fóra roer-lhe a vida, lento como o parejar do liquido na rocha.

A tempestade amaina lá fóra. Assim como ella assombrou o céu, a desgraça turbou o coração de Dalzo; assim como ella, esta passará breve.

Os ventos d'aurora impellem essa coorte de nuvens errantes. Ellas fogem medrosas do sol, como um bando de mal-fazejos da noite.

Amanhece.

A luz aclara essa habitação que fóra covil de lobos humanos. Ha ahí logares onde jazem mortos insepultos.

Eis um salão calado como um deserto;

n'elle repousa o cadaver de Eglio. Elle inda está sobre esse chão, que talvez seja para sempre seu leito. Sua cabeça inda está immovel, e sua bocca entreaberta inda conserva esse sangue coalhado nos cantos, e seus olhos inda tem a vermilhidão baça dos do enforcado, e inda a seu lado está essa lampada apagada. Elle é um defunto sem tumba, sem cirio, que não sejam o chão da terra, e a luz do astro de Deos.

Mas quem véla junto d'esse morto?

Um mancebo: Dalzo, seu amigo.

Elle ahí está, mudo e immovel como uma mumia do Egypto. Chorou muito, mas agora parou-lhe o curso d'esse pranto desabrido, gelou-se-lhe a fonte d'essas lagrimas; porque uma idéa sinistra pousou-lhe na fronte, e petrificou-lhe o aspecto. Comtudo lá dentro se estorce sua alma como nas vascas da morte: é uma ancia acerba; e o confranger-se em angustias, como o volcão antes de arremessar a lava.

E porque tudo isso?

Porque seu coração estava oppresso como sob a terra de uma sepultura: era a dôr. E sua razão perdida vacillava pelo desanimo do espirito, e elle só via um vacuo na terra: era a desesperança.

Sim, porque esse amigo era a luz de sua vida, e porque elle morreu Dalzo tambem morre.

Vê.

Elle ahí está mudo, extatico ante o corpo inanimado de Eglio.

Que lhe apparecessem agora as scenas mais horriveis do mundo, que a natureza se espedaçasse lá fóra, elle não ergueria a cabeça.

Ha um espaço immenso ante seus olhos, sem movimento, sem fórma, como a amplidão dos céos; e esse espaço rouba-lhe todos os sentidos, excepto a vista. Elle só vê uma mancha de sangue: é um cadaver; e olha para ella como se toda sua força, toda sua existencia se concentrasse n'isso.

Depois d'essa explosão da dôr em lagrimas, Dalzo está assim, e elle morrerá talvez como o cataleptico n'esse estado de inanimação do marmor. Mas... não... elle estremece como o somnambulo quan-

do se lhe agitação as fibras : é que o pezadelo da dôr se acorda em sua alma.

Levanta-se. Volta a cabeça em torno de si com um olhar debil. Fixa um instante os objectos, e ri com um rir de escarneo ensopado de todo o fel do amargor d'alma. Disseras vêr o despertado do seio da desgraça, sua mãe, erguer-se-lhe do collo, e cuspir-lhe á face a irrisão hervada de desprezo, em troco d'esse somno, que lhe faz trevazar angustiado coração.

Dalzo arranca um punhal. Vai-lhe talvez na ponta a vida.

Mas quem és tu, desconhecido, que lhe suspendes o braço ?

—Viajante n'estas serras.

—Desgraçado ! que pensamento horrivel te desvaira em face de um cadaver ?!

O estranho disse.

O mancebo recuou o ferro, apontou o chão ao desconhecido e fallou :

Vês ? está ahí, morto, banhado em seu sangue ! Matou-o um impio que cejava os homens com carne humana. Esse monstro ? Suffoquei-lhe a guela sedenta n'estas mãos homicidas. Outro malvado seu irmão no crime ? Matei-o tambem. Vês esta lamina ? Inda está polluta de seu sangue putrido. Elles dormem lá com os espiritos infernaes em seus antros hediondos, cobertos de craneos humanos.

Vai, e os verás sobre o chão immundo da podridão de suas victimas. Sabe que esse, que vês ahí morto, era como se fosse meu pai, minha mãe, minha familia, meu tudo na terra, porque eu só o tinha só ; e porque o perdi, e porque meu peito está lacerado de dôr até ás entranhas, não quero mais viver. Que a luz de Deos se me apague aqui n'este mundo, nú para mim como um deserto ensanguentado. Foge, se não queres, vê o resto da minha desgraça. Nemi peço que enterres o meu corpo ; mas se o fizeres, seja longe d'este sitio amaldiçoado, lá no amago de algum abysmo na serra, que nenhum homem saiba, quero dormir só com elle, e que Deus nos veja.

Afasta-te. Muito te hei dito.

Dalzo disse, e suas palavras soárão

aos ouvidos do estranho, como o tinir dos gladios de uma briga de morte.

Em vão quiz detel-o esse homem, porque já o punhal dormia no seio do suicida, e seu corpo dormia tambem ao lado do de seu amigo.

—Deus !

Balbuçou apenas esse espectador de uma scena sinistra, e com um gemido, como o de que tem a alma preza á horrivel idéa, abandonou esse sitio sanguento.

Pirahy, 16 de Maio de 1857.

Zoroastro Augusto Pamplona.

PARECER

LIDO NA SESSÃO DE 24 DE SEPTEMBRO DO CORRENTE ANNO NA ASSOCIAÇÃO BRASÍLIA SOBRE A THESE :

Qual o seculo mais brilhante ?
Ode Augusto ou de Luiz XIV ?

SENHORES !

Se nas planicies de Pharsalia Roma perdeu a sua liberdade e entregou-se nos braços de tres despotas, que com a esponja do interesse procuravam apagar o ultimo vislumbre d'aquella virtude que outr'ora tinha dado tantos heroes : se na bahia d'Actium duas das vontades poderosas, que regiam o imperio romano, desapareceram para subsistir a mais astuta ; se Roma, como dizia, tinha perdido a sua liberdade e a porta da gloria se achava fechada ; Roma entrava em um caminho não menos glorioso do que aquelle que trilhára nas guerras punicas, esse caminho era o da litteratura. Octavio, que proclamando o imperio concentrava todos os poderes em sua pessoa, e querendo fazer o povo esquecer-se dos seus crimes quando triumpho ; arrancando as armas da mão do povo, fez com que fosse procurar descanso no cultivo das letras, e a protegeo de tal sorte que em breve appareceu um seculo tão brilhante como o de Pericles.

A litteratura romana é derivada da Grecia, como bem disse o velho Horacio, e a não que conduzia Flaminio das ruinas de Corinthio, levava tambem essa faisca, que em breve tornar-se-ia em uma grande pyra que allumiaría o universo.

O vulto mais importante que abre o seculo de que tratamos, é Cicero, cuja morte é um padrão de vergonha para Augusto; elle deixou diversos tratados sobre philosophia e rhetorica, que ainda hoje são apreciados; educado na Grecia no tempo em que a linguagem tropologica tinha substituido a bella simplicidade de Demosthenes, elle servio-se d'ella com grande admiração dos seus contemporaes e assombro da posteridade. Orador, elle representou no senado o mesmo papel que Mirabeau na Assembléa Nacional; elle com a sua palavra esmagava a conjuração de Catilina, salvava Ligario, Metello, e o seu mestre Archia no fóro. Philosopho, elle comprehendia e desenvolvia a doutrina do divino Platão com bastante successo. Em fim collocado no terreno politico elle não podia deixar de seguir o partido de Pompeio e Catão, por cujo motivo elle foi morto.

Diversos escriptores agitarão uma questão, que de maneira alguma queremos discutir aqui, isto é, qual fóra o maior orador da antiguidade se Cicero ou Demosthenes, questão que ainda hoje não chegou-se a um accordo.

Terminarei essas poucas palavras sobre Cicero, com elogio que Plinio o velho tributou á sua memoria:

O' Cicero, exclama elle, recebe a minha homenagem, tu, pai da patria, pai da eloquencia e das letras latinas, tu, para me servir da expressão do teu velho inimigo Cezar, tu que alcançaste um dos mais bellos triumphos, porque é mais glorioso ter estendido para os Romanos, os limites do genio, do que ter recuado os limites do imperio.

Como cultivando a eloquencia temos Hortensio, rival de Cicero, que representou um papel secundario, assim como Sallustio e Julio Cezar fórao os ultimos representantes da eloquencia romana. Des-

apparecendo estes homens cahio a eloquencia, e tornou-se toda declamatoria, porém apesar do dizer frouxo dos oradores, appareceu Quintiliano, que tentou reformal-a. Quintiliano viveo, no reinado de Galba, que durante este curto reinado exerceo a advogacia, e segundo diz um escriptor, elle quando se apresentava na tribuna fazia o auditorio derramar lagrimas, porém Vespasiano entendeu que o maior orador do seu tempo devia dirigir a mocidade no caminho que elle já trilhava com gloria, e convidou-o para abrir uma aula de Rhetorica, cujo producto foi um tratado o mais completo sobre esta materia, que a antiguidade nos legára.

Tito Livio, cujo estylo faz com que muitos o considerem como um poeta, escreveu a historia de Roma desde a sua fundação até á queda da Republica; ha alguns lugares como sejam as guerras punicas onde elle se torna verdadeiramente eloquente, e o discurso que o velho Horacio fez em defeza do seu filho, parece-se ouvir a linguagem de Cicero, o seu estylo é simples, e apartando-se dos mythos e fabulas, que rodeiam a origem de todos os povos antigos, procurou sempre a verdade historica.

Tacito, segue outro trilho, é o pintor que toma o seu crayon não para tornar o seu desenho mais bello, mas sim para lhe dar toda energia de toda a sua imaginação; é o homem que indignado com a relaxação moral que grassava no meio do povo, pinta os costumes dos Germanios, ainda alheios aos vicios, por isso algumas vezes esquece-se da imparcialidade, que deve ser a aureola do historiador. Julio Cezar, nos seus Commentarios, Sallustio na historia da Conjuração de Catilina, e Cornelius Népos na sua historia das guerras medicas immortalisárão-se tambem como historiadores.

No meio d'esta actividade a que o espirito humano se havia entregue, a philosophia não podia deixar de ser cultivada. Cicero, Seneca, e Claudio, que mais tarde embuçou-se com a purpura dos Cezares, elevárão a philosophia ao seu auge, Plinio escreveu diversos trata-

dos a historia natural, que mais tarde devia de ser brilhantemente por Linneo e Buffon o mais eloquente orador que a natureza tem tido, é a Plinio que se attribue a primeira encyclopedia romana.

A poesia foi a arte que illustrou muitos homens, cuja memoria a posteridade conserva com respeito e acatamento. A poesia épica teve em Virgilio um rival digno de Homero, a sua Eneida é o mais bello poema de que temos conhecimento na melodiosa lingua do Latio, rival de Homero, não ficou inferior ao seu mestre, cujas pegadas seguira; é verdade que as personagens que elle escolhêra para a sua obra monumental não tem aquella firmeza e nobreza de que se achão revestidos os heróes da Illiade. As suas peesias pastoris são os quadros mais bellos que a antiguidade nos legára. Horacio é o poeta lyrico que ao som da sua lyra os banquetes dos patricios torna vão-se alegres, e a orgia tinha aquelle poetico, que eclipsava o brilho da virtude; porém Horacio não era só o trovador romano, nas suas poesias respira-se o ar embalsamado da philosophia. A sua arte poetica, com quanto incompleta, todavia é ainda um mentor seguro para os jovens, que quizerem desposar as filhas de Apollo.

Ovidio, o autor da arte de Amar, e das Metamorphóses, é poeta que soube encantar as damas com a sua lyra amorosa, e tanta influencia exercêrão os seus cantos na côrte de Augusto, que a devassa Julia apaixonára-se tanto por elle, que Augusto víra-se obrigado a desterrar-o, e n'este exilio triste a sua musa immortalisára o seu nome, nas suas poesias respira-se esse ar embalsamado, que embriaga os sentidos.

Verencio nas suas comedias, Propercio Lucrecio e outros soberão trilhar com gloria as pegadas de Horacio, Virgilio e Ovidio.

Este seculo, o mais brilhante da antiguidade, foi o que servio para produzir o seculo de Leão X e Luiz XIV. A invasão dos barbaros, quando viera regenerar a sociedade romana, apagou esse grande pharol que illuminára o mundo. E o christianismo pégando e

desenvolvendo a mais santa philosophia que tem apparecido, conservou os fructos que tinha produzido esse seculo brilhante, cujo painel, com quanto irregular, foi desenvolvido com a impericia do homem que pela primeira vez se submette á vossa imparcialidade.

A humanidade não pôde deixar de abençoar esses apostolos, que no meio das missões não esquecião-se das letras; honra, Senhores, á esses monges que no silencio dos claustros salvavão os os despojos d'este brilhante seculo, que a posteridade ainda venera e o considera como uma das épochas raras nos fastos da humanidade.

Passaremos á tratar do seculo de Luiz XIV, e depois comparal-o com o de Augusto.

Quando Luiz XIV no alto de seu throno e diante do parlamento e de toda a França, dizia — *L'Etat c'est moi* — traduzia o pensamento nacional que predominava n'essa época, porque o povo, que já tinha a fronda no tempo de Mazarino, o povo, que tinha presenciado essa revolução, na qual se invocava os seus direitos, percebeo o mais triste espectáculo que representára, isto é, aquelles que invocavão os seus direitos, não fizeram mais do que tratar dos seus interesses individuaes. Luiz XIV, que recordava-se d'esta farça que se passára na sua minoridade, para conter a nobreza, essa parasyta que sempre entorpecia o progresso da nação, vio que a sua vontade forte e energica podia regenerar a França, que estava prestes á despenhar-se no abysmo que a avareza de Mazarino cavára, e além d'isso o povo offuscado pelo brilho do despotismo tinha depositado todas as suas garantias nas mãos d'esse idolo, que fazia da Europa um verdadeiro juguete de sua vontade.

Na época da preponderancia da França, essa preponderancia que foi adquirida á custa de muito sangue, é tambem a época que assignal-a a preeminencia das letras e das artes. A França tinha o sceptro do genio como o do poder, e reinava não só no mundo politico como no mundo litterario. No meio das glorias

de Luiz XIV, ao som dos hymnos festivos entoados todas as vezes que um Condé ou um Turenne trazia á França uma nova corôa para se depositar aos pés da estatua da França, os homens, que até essa época tinham passado desconhecidos, não podião deixar de apparecer; emfim no reinado do grande rei a França collocára-se na vanguarda da civilisação.

Luiz XIV não era semelhante áquelles despotas que coarctão a liberdade do pensamento e tem por fito em seu governo tratar da ignorancia do povo para melhor firmar o seu governo, antes pelo contrario elle ia em busca dos homens os mais célebres para apoiar-se nas suas luzes, aperfeiçoando a Academia Franceza, creando a das Sciencias e das Inscripções, Luiz XIV reunia os sabios em um só ponto como tinha feito outr'ora Richelieu, reunindo as Capitalistas espalhadas na França, e tornando Paris a primeira cidade d'este paiz. Luiz XIV pois, como diziamos, reunia-se aos homens mais importantes para circundar o seu nome de mais prestigio e gloria.

N'esse reinado de entusiasmo todas as sciencias e artes attingirão ao mais alto gráo de prosperidade, sómente a poesia épica não correspondeo á protecção efficaç do grande rei, muito embora a França possua um Chapelain, St. Amant, Saint-Garde, todavia os seus poemas tornárão-se assás obscuros; Voltaire tentando a Henriade n'essa immensa fortaleza que baqueou ao primeiro sópro da liberdade em França, não foi tão feliz como os seus antecessores; nem todos os paizes fóraõ tão felizes como a Grecia, que ao penetrar-se no pantheon das letras, logo se encontra dois monumentos eternos como Deos, isto é, a Illiade e a Odysea de Homero. A poesia heroe-comica achou no Lutrin de Boileau um verdadeiro interprete d'este genero de poesia. A Fábula, que podemos considerar como um poema épico, cujos herées são as arvores, as plantas, e os animaes que foi tão bem desenvolvida por Esopo e Phedro, encontrou em La Fontaine um interprete, que ainda hoje é impossivel imitar.

O seculo de Luiz XIV foi a época

a mais bella que as letras tem tido, a paixão que apoderára-se da litteratura foi tal, que tornando-se no ridiculo Molière concebêra uma das suas mais bellas comedias, como Les Femmes savantes; todos sabem o serviço que prestou ás letras o Hôtel Rambouillet, onde Bossuet prégára o seu primeiro sermão, que fizera com que um dos sabios que se achavão presentes dissesse, que nunca tinha ouvido um sermão tão tarde e ao mesmo tempo tão cedo, referindo-se á hora e idade do orador.

A poesia dramatica chegou na França ao apogêo de gloria; Corneille, o fundador do theatro, Racine e outros cultivaram-na com tanto brilho como na antiguidade. A Musa de Corneille é enérgica, arrebatadôra e ao mesmo tempo insinuante; o Cid, cuja obra tão calumniada na Academia, e tão applaudida pelo publico, tornou-se uma das pedras fundamentais em que repousa o theatro francez. Racine nas suas tragedias, e principalmente na Phedra e na Athalia, tornou-se um digno competidor de Corneille; e Voltaire, na sua Merope, Alsira e o Orphão da China, elevárão o Theatro Francez, e lhe deram essa preponderancia, que ainda hoje exerce sobre os outros theatros.

Molière, cujo nome fazia desenrugar o semblante dos velhos, servindo-me da expressão de Delille, elevou a comedia ao mais alto gráo de perfeição; o seu Tartufo, Misanthropo e outras muitas lhe deram um logar entre os homens illustres d'esta memoranda época.

No seculo de Luiz XIV não havia a tribuna politica, porque o despotismo não permittia a liberdade politica, não havia um Cicero para excitar a multidão na praça publica, não havia um parlamento onde a eloquencia imperasse nos destinos da patria, porque o despota não queria que a attenção do povo se desviasse da estatua da Gloria perante a qual todos os povos se achavão prostrados, porém a eloquencia tomou outro caminho não menos glorioso, ella se achava ungida pelo Senhor, e a eloquencia sagrada tomou aquelle character grave e magestoso que a religião sóe dar. Era do alto d'essa

tribuna simples e tosca, que o christianismo se plantára no centro do universo, para instruir os povos segundo a bella expressão de Thomaz, que appareceram os rasgos sublimes da eloquencia. Bossuet, esse genio, essa aguia que remontava ás nuvens para dar lições aos reis, nas suas orações funebres elle se torna um digno rival de S. Gregorio, a quem elle imitou na sua sublime oração funebre de Condé, principalmente na peroração que lhe valeo a maior ovação que orador algum tem recebido. Flechier é o poeta da tribuna sagrada, o orador harmonioso que fez com a sua palavra a França e os proprios inimigos da França ir depositar uma corôa de saudade sobre o tumulo de Turenne. Se Flechier no momento em que acabava a oração funebre do grande Turenne se despedisse da tribuna, certamente que a sua gloria seria a mais bella, que era possivel imaginar, e não teria de lutar com as difficuldades que depois encontrou nos outros assumptos que teve de occupar-se, porque todos querião que o panegyrista de Turenne, produzisse sempre outros monumentos como o que havia elevado á memoria do rival de Condé. As orações funebres da Delphina e do duque Montausier são ainda dignas do genio de Flechier, Bourdaloue, é o logico, é o homem que ungido por Deos e inspirado pela sua sabedoria, despreza os ornamentos da eloquencia terrestre para fazer comprehender a palavra divina com toda a força da sua verdade primitiva, é o peregrino da idade media superando todos os perigos com o fim de exhalar o ultimo suspiro na tumba do philosopho do Golgota, o theologo Bourdaloue se cinge ao dogma e não procura ostentar, mas sim convencer os que se achão em erro. Fenelon, autor do inimitavel Telemaco e unico no seu genero, tambem representou um papel assaz digno na tribuna sagrada; a sua lucta com o Bispo de Meaux tornou-o mais conhecido do que se tivesse sido o vencedor. O seu estylo simples, pôde-se dizer d'elle o mesmo que elle disse de Demosthenes, elle serve-se das palavras como a donzella serve-se das suas vestes.

As virtudes d'este santo homem lhe assegurárão o mais bello elogio que a posteridade tem tributado, elle é mais conhecido como philosopho do que como orador. nas suas obras se achão o cunho da modestia, elle teme tocar em certos assumptos sem primeiro se purificar na graça do Senhor Massillon, é o ultimo representante d'essa pleiade de oradores, cuja noticia acabamos de dar; todas as vezes que assumia a tribuna formava sempre uma obra prima da eloquencia sagrada, o seu sermão sobre o pequeno numero dos escolhidos é uma das obras primas da eloquencia sagrada, todos sabem a impressão que causou no auditorio este sermão. Massillon na oração funebre não pôde rivalisar com Bossuet, a oração funebre de Luiz XIV é bem acabada, porém não tem aquella força, que Bossuet empregava nas suas palavras, nem mesmo é igual á Flechier, porque Massillon não sabia exprimir a dôr publica com tanta melancolia como o bispo de Nines. Só ha um merecimento na oração funebre de Luiz XIV é a coragem de Massillon atacar a politica e do alto da cadeira evangelica em presença de uma côrte ainda offuscada com o brilho do sol que havia tombado no occaso, Massillon profligar o comportamento do despota, quando regia os destinos da França, é este o merecimento que me faz ainda admirar-o, diz Villemain no seu ensaio da oração funebre.

As sciencias naturaes encontrarão em Buffon o seu eloquente historiador, e as sciencias exactas encontrarão em Pascal o seu verdadeiro interprete.

Eis, Senhores, esboçado o grande movimento do seculo de Luiz XIV, agora só resta-me comparal-o com o de Augusto para cumprir o dever que me impusesteis.

Permitti, Senhores, que ao entrar na terceira parte do parecer eu emitta a minha opinião com franqueza sem querer de maneira alguma molestar ao illustrado proponente da These. Eu sou d'aquelles que pensão que em historia não pôde haver parallellos, porque as épocas divergem, os costumes modificão-se, e as instituições não são as mesmas, por

exemplo se quizermos comparar o seculo de Augusto com o de Luiz XIV, não vemos que os costumes da época de um não o é da de outro, não vemos que não ha ponto nenhum de simelhança entre o povo francez e o romano, não vemos que o primeiro é um povo leviano, porém palido, e que ao lêr-se a sua historia logo attrahe sympathias, ao passo que o segundo ambicioso e cruel não procurava senão as conquistas para satisfazer um orgulho mal fundado, um povo que despreza a civilisação porque julga inutil abandonar os seus costumes rusticos e selvagens, não é possível pois, Senhores, fazer-se um paralelo sobre os dois seculos, e quando mesmo se tentasse esta tarefa, a superioridade do seculo de Luiz XIV seria incontestavelmente patente a todas as luzes.

S. Paulo 9 de Outubro.

J. C. J.

POESIAS.

DEVANEIO. *

Nihil nostri miserere: mori me denique coges.
(VIRGILIO.)

Vem, nympha, vem, meu anjo, aqui te aguarda
Quem só por ti suspira.
Da tarde as auras para ti desfolhão
Cheirosas flores na macia relva,
E para te embalar em doces extasis,
Murmura a solidão doces acordes
De vagas harmonias.
(BERNARDO GUIMARÃES.)

*Et sol crescentes decedens duplicat umbras
Me tamen urit amor, quis enim modus absit
amori?* (VIRGILIO.)

Já nos páramos roixos do Occidente
O rutilante sol—puro—se esconde;
E já da noite o suspirado vento,
O resfolgar suave se avisinha.
E entretanto não vens; é noite, e ficas!

* Esta poesia já sahio á luz no Ytororó. Mas tendo eu feito n'ella algumas alterações, e tendo-lhe augmentado obra de sessenta versos, novamente a publico.

Ah! vem, anjo do céo, a noite pura
Me acompanha na dôr, e na saudade.
Vem por ella, e por mim, vem consolar-nos.
Vem! a lua das flores brilha agora
Sobre a terra cheirosa, agora os valles,
Os frescos laranjaes de amor palpitão!
Os passaros agora se espreguição
Pelos ramos das arvores, ou dormem
Com sens amores candidos sonhando;
Agora das montanhas, das florestas
Os segredos da noite se levantão,
E n'um hymno macio ao céo se elevão.
Vem, meu encanto, vem, minha esperança!
Aos segredos mais doces da Natura
Unamos nós tambem os dos amores.
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra de flores matisada!

Estas brisas da noite mysteriosa,
Este hálito dos bosques, este arôma
Dos valles, das montanhas, e das varzeas
Para junto de mim te estão chamando.
*Saudosos de te vêr estão meus olhos,
E saudosos de ouvir-te os meus ouvidos.*
Quando tudo te quer n'estes lugares,
Oh meu anjo de amor, que tanto tardas? !...
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra florida, e harmonioso
Da noite o brando espirito te chama!

Não sabes, rosa minha, que perece
Aquelle, á quem o ar faltou de todo?
Tu és o ar de vida, que respiro,
Não demores em vir que já definho.
Se eu sou ao lado teu sonora lyra,
Sou distante de ti qual triste fonte,
Que uma sêcca fatal deixou sem aguas;
Estanque não murmura, não revolve
Na esbrascada arêa as frescas aguas,
O viajor, que ardendo em sêde passa,
Do lugar conhecido se avisinha....
Mas, baldada esperança! encontra apenas
Muda tristeza no logar da fonte:
Murmurios, que encantarão seus ouvidos,
Florida relva, que elle vira outr'ora,
Frescura, que acolhera-o n'outros dias,

Isso tudo acabou ; alli só pedras,
 Alli só folhas sêccas e amarellas
 Espalhadas no chão mostrão ainda
 Da antiga animação 'starem saudosas.
 Oh ! vem : o mez das flores corre agora
 Dias bellos de amor mandando á terra !
 Tanta verdura vai por esses campos,
 Tanta flor desabrocha, e tanto aroma
 O ar inunda em magicas torrentes !
 Alma candida e pura, flor mimosa
 Vem augmentar o numero das flores.
 Vem, os cirios do céu languidos ardem
 Esperando-te só ; ao brilho d'elles
 Vem reunir aqui, onde te choro,
 O tranquillo fulgor de teus olhares !

Oh ! não te illudas, não, o branco lyrio,
 Que ao bafejo da aurora abraisse um dia
 Sobre escavado serro, só, cuberto
 De rudes espinheiros, morreria
 Do sol meridiano requeimado,
 Ou enredado em asperas raizes.
 A planta tambem quer mão carinhosa,
 Que na falta do céu lhe orvalhe o calix.
 Tu és um lirio encantador e tenro,
 E meu affecto puro a mão, que póde
 De animador orvalho refrescar-te.
 Vem, meu encanto, vem ! que tanto tardas?!
 Vem, a lua das flores brilha agora
 Sobre a terra de flores matisada !
 Vem, agora suspirão as montanhas,
 Agora os laranjaes de amor palpitão !

N'este valle sombrio de tristezas,
 Onde a dôr e a morte não nos deixão,
 Ao menos illudamos nossas penas,
 A taça dos amores esgotando ;
 E, em quanto os nossos túmulos não se enchem,
 Amemos com delirio.
 Sim, seja amor a nossa vida inteira.
 No seio d'elle os Poetas tem vivido,
 Como as aves do céu no amado ninho ;
 E aonde o sol as chammas alimenta
 De pávidos cometas,
 Os anjos do Senhor vivem amando.
 Amor... amor !... quem é, que sobre a terre

Póde viver sem ti ? quem, que sendo homem,
 Jámais te conheceo, e venturoso
 Sem teus prazeres viajou no mundo ?
 Não és tu que dás vida aos passarinhos,
 Voz aos desertos, ao Poeta sonhos,
 Mystérios á floresta, e á flor perfumes ?
 Sim, tu dás vida ao Bardo, que suspira,
 E a terra aos olhos seus enches de flores !
 Tardies e pesados não se passão
 No seio teu aborrecidos dias,
 Horas compridas de amargor pesadas.
 Mas dôce é vêr como em prazer e em gozos
 Tão curta esvae-se a vida entre os desmaios

Do coração do amante,
 Que ao pé da noite silenciosa espera
 O vaporoso archanjo,
 Cujas vestes aereas
 Depois de horas compridas de tardança,
 A medo e docemente lhe apparecem
 Por sobre os campos alvejando ao longe !
 Sim, meu encanto, a vida dos amores
 Não percebida passa,
 Como um vento celeste,
 Ou como dôce arôma,
 Que mal a terra toca.
 Não vês?... lá vem nas côres do horisonte
 A frigida velhice
 Com seu cortejo immenso de saudades
 Dizendo-nos que amemos,
 Que o tempo corre e a mocidade acaba.
 Vem, oh meu anjo, entre a neblina branca
 Em mais encanto que ella, e mais dormente,
 Do que visão saudosa do nevoeiro,
 As vagas fórmas puras amostrando
 A' fraca luz da vaporosa lua!

Estrella bella das formosas veigas,
 Aonde o sol contempla maior brilho,
 Do que a luz que derrama, porque tardas ?!
 Agora o céu pelo silencio amigo
 Da noite socegada
 De fresco orvalho aromatiza os campos,
 Agora entre a floresta
 Com mais brandos murmurios
 O limpo arroio pensativo entorna
 Da urna de cristal geladas ondas !
 Vem, oh meu anjo, vem, porque é que tardas?!

Por ti o arroio suspirando corre,
Os anjos — lá do céu — por ti pranteião.

Não tardes, meu amor, sobre teu peito
Inda cheio de viço e mocidade,
Sobre esse peito, onde a virtude mora,
Eu quero disfarçar da vida o tédio.
Quero viver... a vida não são dores,
Mas é d'ellas o doce esquecimento,
E' esse tão suave dormir d'alma,
Que nos deixa sonhar, que nos transporta
A'quella região de luz perenne,
Aonde o nosso olhar se offusca e pasma!
Em paz, como o colleira na floresta
Por noites de luar, em que elle sonha,
Julgando a noite dia,
Sobre teu seio dormirei tranquillo
O somno dos amantes,
Julgando luz do sol a de teus olhos!
Depressa, oh meu amor, que tanto tardas?!
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra cheirosa, agora os valles,
Agora as laranjeiras de amor suspirão!

Vem, vem ouvir os trémulos accentos
Da minha lyra maviosa e triste,
D'esta lyra saudosa, cujas cordas
Aos échos das campinas repetião
Pela quadra ditosa da alegria
Doces cantos de vida e mocidade.
Vem : ella jaz agora pendurada
Aos raios do luar no fresco ramo
De resonante erguida laranjeira.
Desleixada, indolente, como o somno,
Ella descansa agora das fadigas,
Nem canta mais a vida da innocencia ;
Mas inda encerra nas divinas cordas
Nunca ouvidos accentos,
P'ra cantar os segredos dos amores.

Da inspiração a urna não se esgota,
A' quem ao lado teu a vida passa.
Tu és p'ra mim o Genio da harmonia,
Que illumina minh'alma ; vem acorda
Dentro em meu coração todos os sonhos,

Que, qual aroma de encantados climas,
Ou, qual briza do céu, meigos embalão
Um amor peregrino sobre a terra.
Inspirado por ti eu desafio
Da morte temeraria os duros raios.
Como chuva, que cahe sobre os rochedos,
Seus impotentes dardos
Sobre mim cahirão sem offender-me.
Então minhas canções, quaes brancas aguias,
A' região do céu irão buscando,
E a minha mocidade,
Como um rio, que entranha-se na terra
Suspirando e gemendo,
Prolongar-se-ha nos séculos vindouros.
Os homens cercarão a minha campã
De saudades, de lagrimas e louros!
E o teu nome dos échos repetido,
Em meus versos dulcissimos cantado,
Ha de acordar a paz das sepulturas,
Do teu amigo os manes alegrando.
Vem, meu encanto, vem ; que tanto tardas?!
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra cheirosa, agora os matos,
Os frescos laranjaes de amor suspirão.

S. Paulo.—Junho de 1859.

J. R. P. de Ulhôa Cintra.

A E . . .

Bem pôde, anjo de amor, a sorte crua
Para longe de ti lançar teu Vate,
Pôde bem a fortuna caprichosa
Sobre o carro das honras collocar-me,
Cubrir-me de prestígio, e encher-me de ouro ;
Porém em quanto a aurora es seus aromas
Derramar sobre mim, em quanto a tarde
Seus deliciosos ventos enviar-me,
De ti me lembrarei, e quando a morte
Ao pó da terra me prender o corpo...
Ainda assim minh'alma vagabunda
De tarde, ou quando a lua resplandece,
Virá canções de amores suspirar-te,
Como junto da flor suspira a briza ;
Virá descendo as serranias altas,
Envolta em véos de candidos vapores,
Matar ao lado teu tristes saudades,
E no teu leito derramar perfumes.

J. R. P. de Ulhôa Cintra.

NO ALBUM DO MEU AMIGO CONSTANTINO
JOSÉ GONÇALVES.

AMANHÃ.

O que é pois a vida ? Um
sonho e nada mais.

VEREV.

A'manhã quando o sol nascer de novo
Seu brilho não verei;
Nem o aroma da flôr que desabrocha
A' tarde, sentirei.

Eu sinto a vida que se esváe e morre
Doer já no meu peito,
Eu vejo a tampa do sepulchro aberta
Meu corpo em pó desfeito.

Si quer não tive amor... Uma amizade
Que fosse verdadeira !. .
Nem lagrimas de dôr terei vertidas
Na hora derradeira.

Eu morro como morre a flôr do valle
Dos ventos açoutada,
Como cahe da montanha altivo cedro,
Vencido da nortada.

Nem os meus paes hão de cerrar os olhos
Do filho seu que amirão !...
Nem as irmãs hão de beijar as faces
Do irmão com quem brincarão.

E meu irmão ? Coitado ! que inda cuida
No pueril folgar,
De mim se esquecerá, não terá dôres
E nem ha de chorar !

Aqui sósinho quando soffro tanto
Não discerra uma queixa o peito meu,
Nem vérte pranto o coração dorido,
Mudo soffre, e callado como eu.

A'manhã quando a aurora vier brilhante
A's portas do oriente,
Um som eu não terei da brisa lêda
De musica plangente.

Nem tambem uma flôr que abrindo as pel'las
Perfume o meu passar,
Nem ave alegre descantando amores
Eu terei de escutar.

Nem um regato a murmurar correndo
Por entre os mangueiraes
E nem a juruty piar saudosa
Por entre os cafezaes.

E quando o peito meu soltar em dôres
O ultimo suspiro !...
Talvez um nome de meus labios fuja
Nome porque deliro.

Se ella um dia souber o que eu sentia
No ardente coração,
Talvez erga sincera, doída prece
Triste e com devoção.

Se sobre a campa derramar-me flores,
De seus prantos regadas,
Se meu nome disser, soltar ao vento
Suas preces magoadas :

Lá, ó anjo de Deos, lá no sepulchro
A dôr supportarei que me consome,
Esquecido da noite que me cerca,
Eu lembrarei teu nome.

S. Paulo 2 de Setembro de 1859.

Juvenal de Mello Carramanhos.

FRAGMENTO.

Que horas hontem passei a contemplar-te
O rosto descorado,
Branca estrella de amor, ardente lirio
De um mundo ignorado !

Eu vi-te, oh céus ! eu vi-te fulgurando
Qual astro radioso,
Que entre milhões de estrellas pequeninas
Se ostenta desdenhoso.

Teus magicos sorrisos luminosos
No fundo se entornavão
Dest'alma, onde só tu —despota— imperas,
E que elles perfumavão.

Branca rosa do ceo ! eu pude ao longe
Sentir ô teu aroma,
Os alvos dentes n'um sorriso vêr-te,
E vêr-te a negra côma.

E pude ouvir-te a pura voz angelica
Pelo espaço soando,
E —não sentido— dentro d'alma ardente
Recolhêl-a chorando.

J. R. P. de Ulhôa Cintra.

S. Paulo.—1859.—Typ. Litteraria.